



LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DOCENTE

Bianca de Macedo Abreu ¹

INTRODUÇÃO

A multiplicidade da linguagem é concebida de diversas formas como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como interação. Segundo Geraldi (2011) cada uma dessas concepções implica uma prática pedagógica específica e, conseqüentemente, uma maneira distinta de nos relacionarmos com a língua. Portanto, a linguagem é compreendida como a capacidade humana de comunicação e interação, tendo em vista não apenas a expressão de sentimentos, a manifestação de desejos e opiniões, a troca de informações entre diferentes culturas, mas também como uma forma de o sujeito agir, atuar sobre o outro e sobre o mundo.

Essa artificialidade do uso da linguagem compromete e dificulta, desde sua raiz, a aprendizagem na escola de uma língua ou da variedade de uma língua. Comprovar a artificialidade é mais simples do que se imagina:

- Na escola não se escrevem textos, produzem-se redações. E estas nada mais são do que a simulação do uso da língua escrita.
- Na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular leituras.
- Por fim, na escola não se faz análise linguística, aplicam-se a dados análises preexistentes. E isso é simular a prática científica da análise linguística. (GERALDI, 2011, p. 71)

Neste texto trataremos da influência da linguagem sobre a ação, atuação e relação da criança com o mundo através da leitura e escrita na educação infantil, entendendo que um ambiente alfabetizador é importante para o crescimento cognitivo, para as relações sociais, para a formação humana e para contribuição da leitura de mundo que antecede a leitura da palavra, como Paulo Freire (2002) fala e nos inspira.

¹ Mestranda em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Faculdade de Formação de Professores (FFP) – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, biamacedoabreu24@gmail.com;



As crianças colocadas em condições favoráveis de leitura desenvolvem melhor as habilidades para ler. Leitura é um desafio para os menores, vencer o código escrito é uma tarefa gigantesca. A criança pode não saber ainda ler e escrever, mas ela já produz texto: ela pensa, fala, se expressa. Quando o assunto é aquisição da leitura e da escrita, as histórias podem oferecer muito mais do que o universo ficcional. Na verdade, elas desenvolvem aspectos importantes para a formação da criança no âmbito emocional, afetivo, social e cognitivo.

O medo de bebê ou criança pequena rabiscar e rasgar os livros faz os professores criarem dificuldades de acesso ao material. Essas restrições acabam mostrando o contrário do que deveria ser: que a leitura é difícil, chata, porque não pode tocar no livro. O convívio com os livros e a leitura é uma oportunidade da professora ensinar a criança a respeitar o livro e como manipulá-lo sem rasgar, senti-lo como alguma coisa familiar. Garantir o contato com as obras e apresentar diversos gêneros às crianças pequenas é a principal função dos professores de creche e pré-escola para desenvolver os comportamentos leitores e o gosto pela literatura desde cedo. Na escola, a criança precisa ter acesso aos livros e materiais de leitura e espaços de leitura como um cantinho dentro da sala de aula.

Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos de sua formação. A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores. A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora. (JOSSO, 2010, p. 37)

É interessante tratar das concepções de leitura e da forma como a concebemos: a leitura é interlocução entre leitor e autor. Por isso, processo inerentemente social, embora realizado individualmente. Não se trata, portanto, de mera recepção, mas de interação, de troca, de comunicação. Partindo dessa premissa, podemos dizer que a leitura é um ato de comunicação que se concretiza a partir de textos e que implica a interlocução entre autor (sujeito produtor de sentidos) e leitor (sujeito reconstrutor de sentido). Esse processo dialógico é o que permite ao aluno-leitor ampliar seu potencial comunicativo e assumir posições críticas diante da realidade. “O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve.” (FREIRE, 2002, p. 33)



Os textos, tanto orais quanto escritos, que têm o objetivo de estabelecer algum tipo de comunicação, possuem algumas características básicas que fazem com que possamos saber em qual gênero textual eles se encaixam. Na vertente da leitura, os gêneros textuais são as estruturas com que se compõem os textos. São fenômenos históricos, intrinsecamente vinculados à vida cultural e social, sendo classificados os textos como informativos e literários.

Reservar um momento para os alunos reagirem livremente ao conteúdo lido, expressando seus sentimentos em relação ao texto, é introduzir, em sala de aula, um objetivo realista, que perseguimos com frequência na vida real. Essa leitura com os discentes pode acontecer por deleite, pretexto, contexto e intertexto.

É interessante destacar que não estamos defendendo algum tipo de trabalho, de propósito com a leitura. É válido ressaltar que o profissional em questão tenha clareza, objetividade e compromisso com o papel da leitura enquanto linguagem para o indivíduo em nível cultural e social. Assim, planejamento, execução e avaliação são recursos da busca de um desejo. Para tanto, é preciso saber qual é o desejo e entregar-se a ele. No nosso caso, importa saber qual é o desejo com a ação pedagógica que praticamos junto aos educandos e se queremos estar entregues a ele, a fim de que possamos construir os resultados satisfatórios com o auxílio de tal planejamento, execução e avaliação, auxiliando o desenvolvimento dos educandos, ao mesmo tempo que processamos nosso autocrescimento.

Muitos acreditam que sabem ler, mas na verdade o que fazem é decodificar códigos. Contudo, ler é muito mais do que isso. Envolve o conhecimento da linguagem, mas envolve também a experiência do ser. Lida com nossa capacidade de compreensão do mundo, requer esforço de nosso cérebro e nossa emoção. A leitura deve provocar o pensamento e não podemos considerar apenas o que está visivelmente escrito (ou nos é falado), é preciso ler (e ouvir) nas entrelinhas.

As possibilidades de atividades com a leitura são várias, como, contar e ler histórias, folhear, mostrar o material, buscar informação, usar material escrito de diferentes gêneros. Portanto, para contribuir para a formação do leitor, seguem algumas sugestões: leitura de história e de bons textos na rotina diária dos alunos; planejar a leitura; o texto deve ser bem escolhido e a leitura, estudada; repetir a leitura das mesmas histórias e deixar que completem os trechos; ler de diferentes formas cada texto; permitir interação



durante ou após a leitura; pedir para reproduzirem a história lida, fazendo assim, uma recriação, releitura; possibilitar o acesso a material de leitura significativo e interessante; colocar o material de leitura ao alcance dos alunos; trabalhar com textos que possibilitem a memorização e incentivá-los a contar a história sem lê-la; levar embalagens vazias, folhetos, catálogo etc. para a sala de aula; criar situações em que a leitura seja necessária.

Nas situações de leitura mediadas que ocorrem na educação infantil, vale apostar numa relação mais cúmplice e aproximada, em que o professor também escute as manifestações, palavras ou gestos das crianças, uma vez que na escuta compreensiva e nada passiva que elas realizam pode-se conduzir melhor a leitura e a mediação. Por isso, a opção de ler com as crianças pode ser a mais interessante na educação infantil do que ler para.

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 2002, p. 43)

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A criança está constantemente realizando a leitura do mundo em que está inserida, tentando compreender seu contexto. E estes conceitos de experiência serão observados pela metodologia de Josso (2010), quando as vivências tornam-se significativas, nos fazendo refletir, e poeticamente, nos atravessam, se transformando em experiências. Portanto, pensaremos sobre a prática cotidiana do professor, no que tange ao trabalho com a leitura e os desafios para formação de leitores.

As experiências de transformação das nossas identidades e da nossa subjetividade são tão variadas que a maneira mais geral de descrevê-las consiste em falar de acontecimentos, de atividades, situações ou de encontros que servem de contexto para determinadas aprendizagens... Esses momentos formadores, que podem durar alguns instantes ou alguns anos, são quadros que colocam em cena um ou vários protagonistas em transações numa dramaturgia singular; numa brusca interrupção de duração ou de intensidade, numa observação, num exercício sistemático, numa simpatia, num afeto ou numa aversão por alter ego. (JOSSO, 2010, p.42)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto mais cedo histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores as chances de gostar de ler. Mesmo antes de aprender a ler, as crianças devem ser colocadas em contato com a literatura. Ao ver um adulto lendo, ao ouvir uma história contada por ele, ao observar as rimas (num poema ou numa música), os pequenos



começam a se interessar pelo mundo das palavras. É o primeiro passo para se tornarem leitores literários. O contato com a literatura pode oferecer às crianças, desde a mais tenra idade, o material simbólico inicial para que possam ir descobrindo não apenas quem elas são, mas também quem elas querem e podem ser.

Ao ouvir histórias, a criança constrói seu conhecimento a respeito da linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento das marcas gráficas que ele terá de produzir ou interpretar, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos linguísticos. Ouvindo histórias, a criança sente a satisfação que elas provocam; aprende a estrutura delas e passa a ter consideração pela unidade e sequência do texto, assim como pelas estruturas linguísticas mais elaboradas, típicas da linguagem literária.

A instituição escolar deve ter um espaço de leitura, mesmo que sejam só nas salas de aula, pois algumas crianças não encontram um ambiente favorável em casa. No espaço escolar, a criança deve crescer num ambiente alfabetizador em que veja que a leitura e a escrita estão presentes em muitas situações, tanto nas lúdicas, quando temos a palavra como brincadeira e a brincadeira com palavras (leitura de livros de história, poesia, brincadeira com trava-línguas e parlendas) até os usos mais sociais (jornal, listas, e assim por diante).

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixe da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo. (FREIRE, 2002, p. 14)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por julgar de extrema importância as questões de leitura, língua e literatura enquanto movimento de desenvolvimento da linguagem para formação de leitores e cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade é que pensamos em práticas pedagógicas na primeira infância que podem ajudar nesta formação humana e no processo inicial do mundo letrado, favorecendo assim, uma alfabetização discursiva.

A leitura constitui uma prática cultural de natureza artística e social, em que há o respeito pela leitura do outro, pelos discursos e suas singularidades. Acredito que é preciso esta predisposição para sentir, escutar, olhar e ver as transformações que acontecem. Para isso, é relevante a reflexão do professor sobre o seu fazer pedagógico cotidiano, sobre a mediação docente na leitura na Educação Infantil, principalmente a



literária, para que a partir dos pilares das interações e brincadeiras, possamos promover a formação de leitores. Vamos ler o mundo com olhos de amor! Com as leituras poderemos viajar para mundos distantes e novos. A leitura tem este poder!

Palavras-chave: Mediação docente, Leitura literária, Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Ed. Paz e Terra, São Paulo, 25ª edição, 2002.

GERALDI, J. W. **Prática da leitura na escola.** In: João Wanderley Geraldi (Org.). O texto na sala de aula São Paulo: Ática, 2011, p. 70-78.

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação.** 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN, EDUFRRN, São Paulo: Paulus, 2010.